

## EDUARDO LOPES DE SOUZA

Sou e sempre fui o verdadeiro proprietário da empresa **VALOR CONSTRUTORA E SERVIÇOS AMBIENTAIS LTDA.**, embora nunca tenha figurado formalmente em seu quadro societário. Eu tive uma empresa anterior chamada **EGC CONSTRUTORA DE OBRAS LTDA.**, que estava em processo de recuperação judicial e teve a falência decretada em 2014. Cursei faculdade de engenharia civil, mas não cheguei a concluir o curso. Criei a **VALOR** no ano de 2011, sendo que inicialmente ela tinha por objeto apenas a locação de máquinas e equipamentos em geral para terceiros. As primeiras pessoas a figurarem no quadro societário da **VALOR** foram meu irmão **ROGÉRIO LOPES DE SOUZA**, o advogado **RODRIGO CÉSAR NASSER VIDAL** e **EDOARDO DÁVILA DE PAULA**. A ideia de criação da **VALOR** como empresa de locação foi do contador **AMAURI**, que trabalhava comigo na **EGC**. O **RODRIGO NASSER** também trabalhou comigo na **EGC**, como uma espécie de gerente, e foi ele quem propôs a realização do pedido de recuperação judicial. O **EDOARDO** era meio que parceiro do **AMAURI**, e entrou na sociedade no lugar dele, acho que porque o **AMAURI** tinha alguma restrição. O **ROGÉRIO** entrou para me “representar”, já que eu não queria figurar formalmente como proprietário. A empresa foi constituída sem patrimônio próprio. Quando foi locado um local para funcionar como escritório, eu peguei alguns móveis antigos da **EGC** e coloquei lá. A primeira funcionária da **VALOR** foi a **TATIANE DE SOUZA**, que saiu da **EGC** e eu mandei pra **VALOR**. Eu que custeava o aluguel do escritório e às vezes pegava dinheiro emprestado com o **ROGÉRIO** para essa finalidade. Logo depois eu ressarcia ele. Às vezes ele me emprestava um dinheiro quando a **VALOR** precisava prestar algum seguro-garantia. Eu não lembro se o **ROGÉRIO** fez algum empréstimo de maior valor numa única oportunidade para mim. Cerca de seis meses após formalizado o contrato social, o **RODRIGO** e o **EDOARDO** pediram para sair da empresa, que não estava indo para a frente e eles não tinham dinheiro para colocar no negócio. Até então a **VALOR** não tinha firmado qualquer contrato com terceiros. No lugar deles eu coloquei o **IVANILDO DE SOUZA**, que era um motorista da **EGC**. Eu o coloquei porque tinha que ter um sócio para o **ROGÉRIO**. Alguns meses depois eu descobri que o **IVANILDO** tinha usado no passado caminhões da **EGC** indevidamente, para prestar serviço para uma empresa que tinha contratos com a **SANEPAR**. Em razão disso eu decidi tirá-lo da sociedade. Pela **VALOR** ele tinha conseguido duas contratações diretas com a **SANEPAR**. O que tem de pagamento da **SANEPAR** para a **VALOR** é coisa do **IVANILDO**. Quem cuidava da conta da **VALOR** nessa época era o **ROGÉRIO**. Com a saída do **IVANILDO** o **ROGÉRIO** também pediu para sair, porque também não estava ganhando nada, o que foi feito. Então eu decidi colocar o **ANTÔNIO GETÚLIO GALDINO DA SILVA**, que era o meu encarregado da **EGC** na Bahia. Ele entrou sozinho num primeiro momento e depois entrou também o primo dele chamado **MÁRCIO ANTÔNIO GALDINO**. A partir de então, eu peguei procurações da **VALOR** para poder administrá-la, mas raramente fiz uso dessas procurações. Nessa época eu já mudei o objeto da **VALOR**, prevendo a realização de obras e possibilitando participar de licitações como construtora também. Entretanto, o nome continuou sendo **VALOR LOCAÇÃO DE MÁQUINAS**.

O primeiro contrato que eu viabilizei pela **VALOR** foi o de coleta de lixo na cidade de Sento Sé/BA. A **EGC** teve contrato de coleta de lixo lá por cerca de cinco anos, mas como teve os problemas financeiros acabou ficando sem certidão e a Prefeitura rompeu o contrato. Foi aberta uma nova licitação, mas a conversa que existia é que o Prefeito **EDNALDO BARROS** estava dizendo para as empresas interessadas que quem ganhasse

teria que assumir o passivo trabalhista deixado pela **EGC**. Por conta disso eu, através da **VALOR**, acabei sendo o único licitante. Quando eu ganhei o contrato o Prefeito **EDNALDO** me chamou e disse que, como a **EGC** não tinha pago os funcionários, e estava tendo muita reclamação na cidade, era ele quem assumiria o pagamento dos funcionários da coleta do lixo. Ele indicaria para mim algumas contas de comércios de lá mesmo onde eu deveria depositar R\$ 70.000,00 (setenta mil reais) por mês e ele ficaria responsável pelos pagamentos dos funcionários. Essas contas às vezes mudavam de mês para mês. Desse valor ele disse que pagaria os funcionários do mês e também parte do passivo já existente. Eu concordei e fiz as transferências. Algumas vezes eu repassava um pouco menos, mas depois compensava no futuro. Todas as contas creditadas em Sento Sé/BA foram indicadas pelo Prefeito **EDNALDO**. A **VALOR** nunca teve qualquer relação comercial com as pessoas titulares dessas contas. Quem geria os funcionários era uma sobrinha do Prefeito chamada XXXXX. Ela fazia isso desde a época da **EGC**, chegou a ser registrada pela empresa, mas foi rescindido o contrato. Eu acho que os funcionários que prestavam serviço na época da **EGC** continuaram depois que o contrato passou para a **VALOR**, mas não tenho certeza. Pode ser que eles tenham trocado (ou reduzido) os funcionários e eu nem fiquei sabendo. Depois de um tempo o Prefeito indicou uma conta de um tal **MARCELO PAES LANDIN ME**. Como começou a ter problemas com a **VALOR** aqui em Curitiba, eu propus a realização de um contrato de prestação de serviços entre essa empresa e a **VALOR**, para “esquentar” os repasses. Foi feito um esboço desse contrato, mas não chegou a ser assinado. Da parte que ficava com a **VALOR**, ainda eram pagos o PIS, o CONFINS e o valor da nota (o custo da nota que o cara não dava), resultando uma margem de lucro que variava de aproximadamente R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) a R\$ 30.000,00 (trinta mil reais), dependendo do mês. O caminhão que era utilizado para a coleta de lixo na época da **VALOR** era de um terceiro, que eu não sei quem é. Na época da **EGC** o caminhão era nosso, mas depois eu tirei ele de lá. Entre o último pagamento que a **EGC** recebeu e o primeiro da **VALOR** ficou uns quatro ou cinco meses de diferença. Toda negociação que fiz em Sento Sé/BA foi sempre com o mesmo Prefeito **EDNALDO BARROS**, que ficou na Prefeitura por dois mandatos, até o ano passado.

Em 2012, quando eu estava levantando os seguros-garantia por conta da participação na primeira licitação em Bituruna/PR surgiu uma restrição financeira no nome do **GETULIO**. Por conta disso, resolvi mudar novamente o quadro societário da empresa, retirando o **GETULIO** e o primo dele, e incluindo minhas funcionárias **TATIANE DE SOUZA** e **VANESSA DOMINGUES DE OLIVEIRA**. Não lembro com certeza qual delas entrou primeiro, mas poucos meses depois que uma entrou a outra já ingressou também. Ambas tiveram um aumento considerável no salário a partir do momento em que ingressaram no quadro societário, mas continuaram exercendo as mesmas funções que sempre exerceram na empresa. A **TATIANE** cuidava do setor de compras, enquanto a **VANESSA** era responsável pelo financeiro. Eu ainda comecei a pagar um curso de inglês para a **TATIANE** e um plano de saúde para a **VANESSA**, tudo por conta delas terem aceitado figurarem no quadro societário da empresa.

No final de 2011 fui convidado por meu amigo **JEFERSON FURLAN NAZARIO**, para assistir a um jogo do Atlético/PR contra o São Paulo na Arena da Baixada, tendo aceitado o convite. Eu conheci o **JEFERSON** em 1997, época em que eu estava começando a querer montar uma construtora e ele me contratou para construir uma calçada no escritório dele, na Rua José de Alencar. A partir de então ficamos amigos, de frequentar a

casa e viajar juntos. Na época da **EGC** ele chegou a me orientar sobre algumas questões. Ele tem uma empresa de segurança e monitoramento chamada **EMBRASIL** e uma outra empresa chamada **JRL4** que gerencia o grupo. Quando eu montei a **VALOR** eu conversei com ele e ele sugeriu a contratação de uma pessoa para entrar na **VALOR** e fazer um “check list” para deixar a empresa ajustada. Foi contratada uma pessoa chamada **ROBERTA** que ficou cerca de três meses na **VALOR** organizando algumas coisas e por conta disso eu fiz alguns pagamentos para a **JRL4**. Sobre o jogo, assistimos num camarote onde, além de mim, do **JEFERSON**, e do meu filho **GUSTAVO BARUQUE DE SOUZA**, estavam outras duas pessoas que eu não conheci. Quando eu cheguei no camarote o **JEFERSON** me falou que tinha encontrado o então Presidente da Assembleia Legislativa do Paraná, o Deputado **VALDIR LUIZ ROSSONI**, que agora é Deputado Federal e está licenciado exercendo a função de Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, que estava no camarote ao lado. Disse que o Deputado estava acompanhado do assessor dele chamado **GERSON NUNES DA SILVA**. Ele falou que ia me apresentar o **GERSON** porque ele tinha comentado que eu era empreiteiro e o **GERSON** disse que iriam sair umas obras em Bituruna/PR. No intervalo do jogo, ali no corredor, o **JEFERSON** me apresentou ao **GERSON**, o qual chamou o “**NEREU**”, que era o Secretário de Governo da cidade de Bituruna/PR e me apresentou. O **JEFERSON** conhece o Deputado **ROSSONI** há mais de vinte anos. Pela imprensa eu soube que a empresa dele (**EMBRASIL**) foi contratada pelo **ROSSONI** para prestar serviços na Assembleia. O “**NEREU**” falou para eu procurá-lo lá em Bituruna/PR. O **GERSON** também disse que o Prefeito de Bituruna/PR à época era o filho do Deputado **VALDIR ROSSONI** e que era para eu ir conversar com o “**NEREU**”. Na semana seguinte eu fui até lá umas duas ou três vezes e conversei com ele. Ele me apresentou o Prefeito **RODRIGO ROSSONI** dizendo “esse aqui é o empreiteiro que veio lá de cima”, dando a entender que seria indicação do Deputado **ROSSONI**. Ele me mostrou quais eram as obras que iam ter na cidade. Depois disso, quando estava perto da licitação, o **GERSON** me chamou no gabinete da Presidência da Assembleia, e me disse que tudo que eu ganhasse lá em Bituruna/PR tinha que repassar pra ele 10% (dez por cento) pro Deputado e que o acerto era sempre com ele (**GERSON**). Eu questionei sobre o valor da propina e ele saiu e foi até o gabinete do Deputado **ROSSONI**. Depois de alguns minutos ele voltou e disse que o Deputado falou que era isso mesmo, que estava até barato e que a licitação seria com preço cheio (máximo previsto no edital). Eu fui o único participante da licitação, tendo outras empresas sido afastadas, mas não sei como. O “**NEREU**” falou que ia colocar no edital uma exigência de que a visita técnica realizada pelo engenheiro das empresas fosse feita às 08h00min da manhã, num horário em que dificilmente alguém compareceria. Eu mesmo não compareci, nem ninguém pela **VALOR**, mas o atestado referente a essa visita técnica foi emitido da mesma forma para mim. O “**NEREU**” disse também que se alguém aparecesse lá ele não iria entregar o atestado de qualquer forma. Ele já sabia que o acerto era “lá em cima”. Cerca de quarenta dias depois o “**NEREU**” me perguntou se eu não poderia ajudar a eles lá em Bituruna/PR com algum dinheiro. Eu falei que eles teriam que falar com o **GERSON**, mas nada foi alterado. Eu o “**NEREU**” fomos falar com o Prefeito **RODRIGO** e explicar essa situação, tendo ele dito que “iria ver o que fazia”, e o assunto nunca mais voltou a ser discutido. A questão do acervo da empresa não foi feito especificamente para o meu caso. Eu já tinha visto edital anterior da Prefeitura de Bituruna/PR que também não exigia acervo da empresa, só do engenheiro responsável. Com relação à capacidade financeira da empresa, se eles tivessem feito o cálculo conforme estava no edital teriam visto que nós não atendíamos. As informações colocadas nas propostas eram reais, mas o cálculo realizado não atendia o que era exigido pelo edital. Em todas as licitações de Bituruna/PR eu fui o único participante. Eu levava dois envelopes, sendo um com o preço cheio e um outro com desconto, caso aparecesse alguém para concorrer. Mas o combinado era que eles afastariam os outros

interessados para que eu pudesse entregar a proposta com preço cheio e assim propiciar um repasse de maior valor para o Deputado, o que sempre aconteceu. Eu estive presente, junto com a **VANESSA**, na entrega das propostas referentes às maiores obras que construí lá (Escolas Oscar Geyer e Paulo Geyer e a revitalização do centro da cidade). Nas demais ela ia com alguma outra pessoa que não me recordo. Os envelopes eram entregues na sala do **ENEAS**, que era o presidente da comissão de licitação. Da primeira vez ele chegou a abrir o envelope, sozinho, na minha frente, e a ata foi assinada ali mesmo pela **VANESSA**. Da parte da Prefeitura o **ENEAS** estava sozinho. Nas outras duas vezes em que eu lá estive, a gente só deixou o envelope e foi embora, ficando combinado que depois ele mandaria a ata para assinarmos. Na campanha de 2012, o "**NEREU**" foi candidato a vereador e durante a campanha me procurou numa obra em Bituruna/PR e me pediu R\$ 10.000,00 (dez mil reais) como colaboração para a campanha dele. Combinamos dele vir até a minha casa em Curitiba/PR, onde eu repassei para ele a quantia solicitada. Acredito que não foi declarada à Justiça Eleitoral.

Eu ganhei um total de sete licitações lá, em contratos que somaram cerca de R\$ 6.000.000,00 (seis milhões de reais), considerando os aditivos, dos quais repassei para o Deputado **ROSSONI** cerca de R\$ 460.000,00 (quatrocentos e sessenta mil reais). O **GERSON** me chamou um dia lá na Presidência e mostrou umas anotações que ele tinha e cobrou cerca de R\$ 140.000,00 (cento e quarenta mil reais) que estariam faltando para inteirar os 10% (dez por cento). Eu expliquei pra ele que a fiscal da obra tinha feito um "check list" e bloqueado o repasse de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais) para a empresa e por causa disso eu disse que só pagaria o restante se liberassem aquele valor, o que não ocorreu. Alguns dias depois o "**NEREU**" me procurou e disse que eu teria que acertar aquela diferença, mas eu insisti que só pagaria se aquele outro valor fosse liberado.

Eu mandei minha funcionária **VANESSA DOMINGUES DE OLIVEIRA** comprar dois aparelhos celulares pré-pagos da **TIM** e deixar um deles comigo e entregar o outro para um assessor do Deputado **ROSSONI** chamado **EDUARDO PAIM**, com quem eu tratava sobre os pagamentos. Esses aparelhos ficaram registrados em nome da **VANESSA** ou de outras pessoas, para não vincular com a **VALOR**. A ideia era ter uma linha segura para tratar exclusivamente desses assuntos, e assim foi feito. Sempre que necessário eu falava com o **PAIM** por essa linha segura, nunca com o Deputado ou com o **GERSON**. Quando o **GERSON** queria me cobrar sobre o repasse, o **PAIM** me ligava avisando que eu tinha que ir lá falar com o **GERSON**. Quando eu constatava que estava havendo algum atraso na liberação dos recursos do Estado para o Município eu ligava para o **PAIM** e ele dizia que ia resolver. O **GERSON** monitorava os pagamentos feitos para a **VALOR** e imediatamente cobrava o repasse dos 10% (dez por cento). Ele me disse que se eu não pagasse ele ia segurar os repasses para o Município. Os pagamentos eram feitos para o **GERSON**. Eu ia até a Assembleia Legislativa do Paraná, onde tinha livre acesso. Só precisei me identificar da primeira vez, nas seguintes o vigia só me cumprimentava e eu já entrava com meu carro no estacionamento para visitantes. Eu subia até a sala do **GERSON** (passando pela sala do **PAIM**). Eu entregava o dinheiro para ele e ele contava ali na minha frente. Às vezes ele reclamava que eu levava o dinheiro na sacola sem colocar nada junto para disfarçar. Não tinha nenhum registro de que eu estive lá. Durante as obras em Bituruna/PR eu ia na Assembleia praticamente toda semana. Em três ou

quatro oportunidades eu vi o Deputado **ROSSONI** lá atendendo outras pessoas. Ele me via e me chamava de canto e falava “e aí Eduardo, tem coisa boa pra mim hoje?”, esfregando as mãos. Eu conheci ele pessoalmente logo após iniciar a obra do Colégio Oscar Geyer. Ele esteve lá na obra. Sempre que ele ia a Bituruna/PR ele passava nas obras e várias vezes eu me encontrei com ele. Eu vi a reportagem que saiu na TV dele dizendo que não me conhecia. É um absurdo. Mesmo das vezes que eu não o vi na Assembleia, eu sabia quando ele estava presente, e era quase sempre, mas ficava no gabinete dele com a porta fechada. Chegando nas secretárias da Presidência, virando à direita fica o gabinete do Deputado. Virando à esquerda, tem um corredor e depois a sala do **PAIM**, e passando por ela a sala do **GERSON**. Na conta dos 10% (dez por cento) também entrou um valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) que foi entregue para a pessoa de **SERGIO GALANTE TOCCHIO**, que será explicado mais adiante. Depois de uns três meses que eu comecei a trabalhar em Bituruna/PR o **EDUARDO PAIM** virou pra mim e falou “só por amor não existe” e pediu que eu fizesse uma colaboração “por fora” para ele. Eu perguntei se R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) ajudaria, e ele disse que se pudesse dar esse valor por mês pra ele já ajudaria. Eu entreguei esse dinheiro umas oito vezes para ele. Ele me ligava e eu ia lá só pra falar com ele. O **GERSON** e o **ROSSONI** não sabiam desse pagamento. O **PAIM** pediu para ficar só entre nós. Esse pagamento para o **PAIM** era porque ele fazia esse meio de campo comigo, por exemplo, quando atrasava o repasse para o Município, e também porque as vezes ele me apresentava para outras autoridades, como o Diretor do DER, etc., o que poderia abrir novas oportunidades de negócios para mim. Ele me ajudava também em relação aos contratos da SEED, quando atrasava alguma coisa. Era como se o Deputado **ROSSONI** estivesse cobrando a agilização dos pagamentos para a **VALOR**. Por essa razão que apareceram várias ligações do gabinete do Deputado **ROSSONI** para a SEED, embora seja possível que o Deputado **ROSSONI** não soubesse dessas ligações. Eu me encontrava as vezes com o Deputado **VALDIR ROSSONI** em Bituruna/PR, na madeireira dele, perto da rotatória na avenida principal da cidade. Ele também me ligava no meu telefone pessoal (41-9953-3333), sempre para falar das obras. Geralmente ele ligava do telefone do **GERSON**. Na agenda do meu telefone tava identificado como “**GERSON ROSSONI**”. Ele nunca chegou a falar abertamente comigo sobre dinheiro, deixava eu resolver tudo com o **GERSON**, que era quem cuidava do financeiro dele. As obras em Bituruna/PR foram todas concluídas e não houve irregularidades durante a execução, já que a fiscal **JESSICA** era muito rigorosa. Na verdade, no começo das obras ela era mais tranquila, já que o marido dela, **CÁSYO OSCAR FRANCHIN**, tinha sido contratado por mim para cuidar da obra em Bituruna/PR. Eu o contratei exatamente por conta desse parentesco dele com a fiscal da obra, mas foi ele quem procurou emprego. Como na campanha de 2012 eles apoiaram o candidato de oposição ao **ROSSONI**, ela acabou sendo demitida. O **CÁSYO** já tinha pedido para sair quando saiu o resultado da eleição. Ela ficou alguns meses fora e quando voltou passou a ser bastante rigorosa. O Prefeito **RODRIGO ROSSONI** ficou no cargo de Chefe do Executivo do município de Bituruna/PR por poucos meses (foi cassado pela Justiça Eleitoral). O “**NEREU**” saiu junto com o **RODRIGO**, mas voltou em 2013 com o novo Prefeito eleito, mas agora como Secretário de Transportes. Durante o tempo em que ele esteve fora, quem assumiu o lugar dele foi o **PROFESSOR GERSON**, nomeado pelo Prefeito **ROBERTINHO**. Quando eles assumiram eles me chamaram para conversar e disseram que nada ia mudar na relação da **VALOR** com a Prefeitura porque eles tinham medo do Deputado **ROSSONI**, que poderia fazer algum tipo de represália contra o Município.

Logo no começo da execução da obra da Oscar Geyer em Bituruna/PR constatou-se que

havia um “furo” no projeto e seria necessário um aditivo para solucionar o problema. Como já estava em andamento os pagamentos dos 10% (dez por cento) pro Deputado **ROSSONI**, eu liguei para o **PAIM** e falei sobre o aditivo. Em meados de 2012, ele retornou a ligação dizendo que era para eu ir até o gabinete do Deputado **VALDIR ROSSONI** que ele me apresentaria ao **MAURICIO JANDOI FANINI ANTONIO**, que na época era o Diretor do Departamento de Engenharia, Projetos e Orçamentos (DEPO), da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED). A liberação do aditivo dependia da aprovação dele, pois seria custeado por repasses do governo estadual. Na reunião o **FANINI** disse que já me conhecia da época da Prefeitura de Curitiba, quando ele diretor de pavimentação da secretaria municipal de obras e eu trabalhava com saneamento básico com a **EGC**. Falamos sobre o aditivo, ele disse que teria alguns problemas. Então o Deputado perguntou “então Mauricio, não vai ter mais obras lá?”, no que o **FANINI** disse que teriam várias licitações na SUDE para construção e reformas de escolas. O Deputado me “carimbou” como um empreiteiro da confiança dele e então o **FANINI** disse para eu ir conversar com ele. No dia seguinte eu fui até a SUDE e conversei com ele. Assim que eu abri a porta ele esfregou os braços e disse “nossa, cheguei a me arrepiar, a gente vai ganhar dinheiro pra caramba”. Em seguida ele contou que tinha ficado cinco meses trabalhando na SUDE sem ter cargo (sem nomeação). O cargo de diretor do DEPO não existia, eles criaram. Depois tiraram um cara do Palácio e deram o cargo pra ele. O **FANINI** me contou que acompanhou a esposa que foi fazer uma visita à **FERNANDA RICHA** (esposa do Governador), ocasião em que o **BETO RICHA** perguntou se ele já estava nomeado. Quando soube que ainda não, mesmo depois de cinco meses, disse para ele ir ao Palácio no dia seguinte que seria resolvido. Falou que estava com dificuldades financeiras e me pediu R\$ 10.000,00 (dez mil reais). O **FANINI** dizia “quer rir, tem que fazer rir”. Ele me mostrou uma pilha de processos parados num canto e disse “esse é o pessoal que não quer ajudar”. Ele disse que teriam várias licitações e me orientou que eu deveria elaborar propostas com descontos agressivos, de forma a garantir minha vitória na licitação, e que posteriormente acertariam tudo através de aditivos contratuais. Dependendo da licitação ele já dizia qual era o desconto que eu tinha que dar para ganhar (18%, 20%, etc.). Ele me indicava quais eram as obras “boas”, ou seja, aquelas onde não iria faltar recursos, e me orientava a participar. Ele disse que não queria mexer no esquema do Deputado **ROSSONI** em Bituruna/PR, mas disse que precisava daqueles R\$ 10.000,00 (dez mil reais). Ele disse que só tinha uma pessoa para quem ele prestava contas, que era o Governador **BETO RICHA**. Eu disse pra ele que levaria o dinheiro uns dois ou três dias depois, o que foi feito. Nessa conversa nós já acertamos que trabalharíamos juntos, mediante o repasse de propinas. Entreguei o dinheiro diretamente para ele na sala dele na SUDE (DEPO). Um tempo depois o **FANINI** me contou que antes das licitações em Bituruna/PR ele foi de helicóptero com o Deputado **ROSSONI** até aquela cidade e lá perguntou quais eram as obras que o Deputado queria que fossem realizadas. Depois foram liberados os recursos exatamente conforme indicado por ele.

A primeira licitação que ganhei na SEED foi para reforma do Colégio Amâncio Moro, em Curitiba/PR. Nessa licitação ele me orientou sobre qual desconto eu deveria dar para ganhar. Eu apresentei a proposta conforme fui orientado e saí vencedor. Assim que saiu o resultado ele me chamou e disse que iria agilizar a assinatura do contrato. Disse também que, depois disso, era pra fazer uma medição com quinze dias de execução da obra, quando o normal seriam trinta dias. Ele falou que anteciparia essa medição e que era para eu dar pra ele R\$ 30.000,00 (trinta mil reais), o que foi feito. Eu levei o dinheiro

pessoalmente numa casa na Av. Nossa Senhora da Luz, próximo do cruzamento com a Avenida Erasto Gaertner, onde funcionava uma escola de fonoaudiologia da esposa dele (nessa época a escola estava fechada). Ele estava me esperando lá dentro da casa. Em todas as demais medições dessa obra houve repasse de valores para o **FANINI**. O acordo que nós fizemos em relação a essa obra do Colégio Amâncio Moro foi que, como eu dei um desconto para ganhar, o **FANINI** garantiu que seria feito um aditivo próximo do valor máximo permitido em lei. O acordo era de que eu repassaria para ele 50% (cinquenta por cento) do valor total do aditivo e o restante ficaria para mim a título de lucro sobre a execução da obra (a proposta inicial, com o desconto oferecido, só daria para executar a obra sem margem de lucro). Esse pagamento ao **FANINI** foi feito aos poucos, a cada medição. O esquema dessa obra era do **FANINI**, ou seja, os recursos eram para destinação final dele. Ele dizia que essa escola era local de votação do Governador **BETO RICHA** e, portanto, a obra deveria ser concluída. O aditivo da Amâncio ficou em torno de R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais) e o repasse total ao **FANINI** foi de aproximadamente R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais). O **FANINI** em determinado momento afastou o engenheiro **ÂNGELO**, porque ele não estava se entendendo direito com a diretora da escola. Em relação ao atestado de conclusão dessa obra, nós precisaríamos de atestado da Amâncio, principalmente em relação às estruturas metálicas, para podermos participar de licitações da SEED para construção da cobertura de quadras poliesportivas pelo Estado. Houve um aumento na exigência da metragem exigida no edital e então nós só teríamos essa metragem na obra da Amâncio e Campo Distrital de Joá. Então eu solicitei à minha irmã **VIVIANE** que “corresse atrás” dos respectivos atestados. Não sei qual o trâmite que foi adotado, se ela foi pessoalmente lá ou se mandou outra pessoa. O que sei é que o engenheiro **EVANDRO MACHADO**, que não era o fiscal de nenhuma dessas obras, assinou os atestados que nós precisávamos. No atestado da Amâncio, constou que a passarela, elevador e outras partes de alvenaria que teriam que ser construídas no local já estavam prontas, o que não era verdade. No caso do Campo Distrital de Joá, o problema era que a parte de iluminação da quadra e o para-raio também não estava concluída, diferentemente do que constou no atestado assinado pelo **EVANDRO**. Não sei dizer se o **EVANDRO** levou dinheiro para fazer isso, já que o esquema dele era diretamente com o **FANINI**. A licitação ocorreu cerca de dez dias depois. Eu ganharia as três licitações, porque apresentei o preço com maior desconto, conforme orientação dada pelo **FANINI**. Algum tempo depois o **FANINI** me chamou lá na SUDE especialmente para tratarmos dessas licitações e me disse que a **LUCY ERZINGER**, Presidente da Comissão de Licitação, estava “empissando” o atestado, ou seja, duvidando do conteúdo. Ela inclusive foi na obra para verificar se a obra tinha sido realmente concluída. O **FANINI** então chamou o Superintendente da SUDE, **JAIME SUNYE**, para participar da conversa. O **JAIME** chegou e falou assim “Vamos fazer o seguinte, Eduardo, eu vou falar para a Lucy inabilitar você, não pela falsidade do atestado, mas pela insuficiência de metragem, aí não vai ter problema”, e foi isso o que aconteceu ao final.

Em meados de 2013, o **FANINI** me chamou na SUDE e falou “ganhe o maior número que obras que você conseguir porque nós precisamos arrecadar dinheiro para a campanha do Governador”. Ele me passou uma planilha em papel com todas as obras que pretendiam ser licitadas pelo Governo. Nessa planilha havia a informação sobre o estágio de cada um dos processos licitatórios. Então nós conversamos sobre quais obras seria interessante participar. Ele falou “vamos focar nas obras que tenham convênio federal, pois o dinheiro já está na conta do Estado”. Disse também que não era pra eu pegar obras com recursos

unicamente do Estado porque não tinha dinheiro e viraria uma “novela”. Nós ficamos monitorando quais licitações iam abrindo e quando apareceu alguma que interessava nós participávamos. Assim, a primeira licitação que teve nessa sistemática foi da Escola Lysimaco Ferreira da Costa, em Rio Negro/PR. Eu conversei com o **FANINI** e ele me disse para dar um desconto entre 25% (vinte e cinco por cento) e 29% (vinte e nove por cento), para poder ganhar. Eu dei o desconto de 28% (vinte e oito por cento) e saí vencedor. O contrato da Lysimaco foi assinado no final do ano de 2013, na mesma época em que eu venci as licitações dos Colégios Wilian Madi, Arcângelo Nandi, Jardim Paulista, Ribeirão Grande e Tancredo Neves. Nessa época o **FANINI** falou para mim o seguinte “assine o contrato da Lysimaco e já faça uma medição”. No dia seguinte foi feita uma medição como se já tivesse sido executado 25% (vinte e cinco por cento) da obra. Ele disse que a gente ia fazer várias antecipações de medições, mesmo sem a obra ser executada, como forma de arrecadar dinheiro para o caixa da campanha do Governador. Quando é assinado o contrato já estão previstos quando deverão ocorrer os pagamentos, com base na evolução da execução da obra. Assim, o correto seria que os pagamentos ocorressem mês a mês, desde que atingido uma determinada porcentagem de execução da obra, o que já era previamente estabelecido no contrato e deveria ser fiscalizado por engenheiros do DEPO. De acordo com o **FANINI**, era para a **VALOR** encaminhar as medições como se estivesse cumprindo rigorosamente o contrato, mesmo sem as obras terem sido executadas até aquele ponto, que o governo pagaria a empresa do mesmo jeito. O **FANINI** me dizia quanto dinheiro eu teria que repassar para ele e assim que eu recebia o pagamento do governo eu já fazia o repasse do valor solicitado em seguida. Ele dizia para sempre deixar uma equipe ou outra nos locais das obras para não levantar suspeitas de que estariam totalmente paralisadas. Em seguida, a gente elaborava as planilhas das medições. Nas três primeiras medições de cada obra eu cheguei a assinar as planilhas. Tinha que ter também a assinatura de pelo menos um engenheiro pela empresa. A **VANESSA** corria atrás disso. Acho que a **VIVIANE** chegou a assinar alguma coisa, mas também tinham os engenheiros de cada obra. Lembro que o **JOSÉ TANOUS** cuidava da obra de Rio Negro/PR e em Campina Grande do Sul a responsabilidade era da **VIVIANE** e da **ANDRESSA**, que era uma arquiteta da **VALOR**. Das demais obras não me recordo. Não sei dizer se esses engenheiros chegaram efetivamente a assinar alguma planilha. A partir de um momento, como o volume de documentos das medições estava muito grande, eu deleguei essa função para a **VANESSA**, que fazia tudo sozinha. Eu falei “faça tudo sozinha”. Ela assinava por todos, inclusive por mim e pelos engenheiros (falsificava as assinaturas ou pedia para alguém falsificar). Meu nome figurava na planilha como representante da empresa. Não havia necessidade de nenhum cálculo de engenharia, uma vez que as medições já estavam prontas, com base no contrato assinado. Como não era feita medição de fato na obra, era apresentada a medição completa prevista no contrato. Após a assinatura do contrato eu já tinha encaminhado uma planilha com a previsão de execução da obra, o que era aprovado pela SUDE. No momento das medições a gente só imprimia o que já tava previsto e colocava como se tivesse executado tudo e eles aprovavam. Eu nem sabia que a **TATIANE** tinha assinado alguma medição. Eu mandava a **VANESSA** preparar a papelada, não me preocupava quem tinha assinado ou não. Às vezes o **FANINI** me ligava e falava “preciso da medição quatro para amanhã”. Eu ligava para a **VANESSA** e falava “medição quatro para amanhã”, e ela tinha que se virar. Em relação ao laudo do Instituto de Criminalística a conclusão do perito é equivocada, pois ele comparou uma assinatura atribuída à **VIVIANE** com uma outra atribuída a mim, e concluiu que eram similares e, portanto, eu teria assinado ambas. Ocorre que a assinatura que consta como sendo minha também é falsa (não fui eu que assinei). Provavelmente foi a **VANESSA** quem fez as duas assinaturas, tanto a “minha”, como a da “**VIVIANE**”. Naquelas primeiras medições em que eu assinei, acho que uma ou outra vez eu levei diretamente na SUDE e entreguei pessoalmente para o **FANINI**. Nos



demais casos a **VANESSA** levava lá e entregava ou para a **MARILSE** (secretária do **FANINI**) ou para o engenheiro **EVANDRO**. A **SILMARA** era uma auxiliar da **MARILSE**. Uma única vez, no segundo semestre de 2014, o **FANINI** me falou que a **MARILSE** estava iria fazer uma viagem para Miami, nos Estados Unidos, e perguntou se eu não podia levar uns US\$ 1.000,00 (mil dólares) para ajudá-la. Eu falei que tudo bem e no dia seguinte eu voltei lá e deixei com ela um envelope com aquela quantia e falei “tá aqui”. Ela ficou bem constrangida (com o rosto vermelho) e não falou nada. Eu não posso afirmar que ela sabia que eu levava dinheiro para o **FANINI**. Eu sabia que o correto seria levar a medição e protocolar no setor de protocolo da SUDE. Não sei se a **VANESSA** alguma vez protocolou ou se sempre levou para a **MARILSE**. Foi o **FANINI** quem disse que era para entregar as medições para a **MARILSE**. A medição protocolada para sair da SUDE dependia da assinatura do **JAIME SUNYE**. Depois disso era agilizado o encaminhamento para a SEED, o que era feito pela **MARILSE** em contato com a **MARILANE FERMINO (MARI)**. O **FANINI** sempre dizia que quem resolvia as coisas na SEED era a **MARI**. Depois disso, acredito que em meados de 2013 (durante a execução da obra do Colégio Amâncio Moro), numa ocasião em que eu estava na Presidência da Assembleia, conversando com o **EDUARDO PAIM**, ele me apresentou a **MARI**, que tinha ido lá por algum motivo. A partir de então eu comecei a me aproximar dela, para que ela me ajudasse nos trâmites dentro da SEED. Era para ela que o **PAIM** ligava na SEED. Depois de uns quarenta dias ela comentou comigo que estava com um problema para pagar um consórcio do apartamento dela e perguntou se eu não poderia ajudá-la também. A partir daí eu comecei a entregar para ela quantias que variavam de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) a R\$ 10.000,00) dez mil reais, conforme as necessidades dela. A gente se encontrava numa rua, próximo à lanchonete Au-Au, no bairro Santa Quitéria, onde repassava o dinheiro para ela. Já levei o dinheiro também na casa de uma amiga dela, chamada **SUELI**, que ficava na Rua Conselheiro Laurindo, próximo ao Teatro Guaíra (apto 03). Essa **SUELI** chegou a ir sozinha no escritório da **VALOR** para pegar o dinheiro da **MARI**. No total eu entreguei quase R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para a **MARI**. Numa única vez eu levei R\$ 90.000,00 (noventa mil reais) para ela, logo após eu receber o aditivo da Amâncio Moro (ela ajudou a destravar a liberação do aditivo que estava parado há vários meses). Ela disse que esse dinheiro tinha a ver com a quitação do apartamento dela, alguma coisa assim, junto com a **SUELI**. Ela me mostrava as cartas do SERASA cobrando ela. Uma vez a **MARI** me falou que eu precisaria dar R\$ 9.500,00 (nove mil e quinhentos reais) para ela repassar para uma funcionária do setor financeiro ou orçamentário da SEED, para poder liberar um entrave que estava ocorrendo. Eu entreguei o dinheiro para ela e a coisa andou. Ela chegou a mencionar o nome da funcionária, mas não me recordo nesse momento. A **MARI** era a minha pessoa de confiança dentro da SEED e eu orientava minhas funcionárias a conversarem com ela sempre que fosse necessário. O **FANINI** direcionava as medições e se comprometia com o andamento dos processos até os pagamentos. Em setembro de 2014 ele chegou a determinar que fossem realizadas duas medições em relação às mesmas obras (ESPECIFICAR), o que é tecnicamente injustificável já que não é possível avançar a execução de uma obra em tão curto espaço de tempo (as medições ocorreram com intervalo de cerca de quinze dias uma da outra). Geralmente as medições ocorrem de X em X meses. Eu tinha consciência de que as obras não seriam concluídas e adotava medidas paliativas para passar a ideia de que alguma coisa estava sendo feita.

Os contratos das demais escolas só foram assinados em abril de 2014, logo após assumir o novo secretário de educação **PAULO SCHMIDT**. Depois que os contratos foram

assinados o **FANINI** me falou que o **PAULO SCHMIDT** falou que tinha sido procurado por um vereador do interior pedindo R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) para fazer alguma coisa relacionada à campanha do Governador **BETO RICHA**, e que era para o vereador procurar o **FANINI** porque ele que seria o caixa da campanha do Governador na SEED. O **FANINI** disse que era para fazer as medições pois não podia faltar dinheiro para a campanha. Ele disse “com esses R\$ 32.000.000,00 a gente faz a campanha do **BETO**”. Esclareço que esse valor de R\$ 32.000.000,00 já incluía o valor dos aditivos, que ele já tinha garantido que iriam sair. O **FANINI** dizia que nenhuma medição de qualquer obra da SUDE era autorizada sem que tivesse pagamento de propina. O **FANINI** determinou que não fosse alimentado o sistema SIMEC, de fiscalização federal, e colocava dados falsos no sistema estadual. Em 2015 ele disse que o pessoal do MEC viria a Curitiba para ver porque não estava sendo alimentado. Na obra da Lysimaco, em Rio Negro/PR, o fiscal **LAURO** foi afastado pelo **FANINI** porque ele não queria assinar as medições falsas, tendo o **FANINI** colocado em seu lugar o fiscal **EVANDRO**, que já era do esquema. Eu sei que os fiscais que concordavam em assinar as medições falsas eram, além do **EVANDRO**, os engenheiros **BRUNO**, **ÂNGELO** e o **MAURO**. Quando começou a ficar com muita discrepância esses engenheiros começaram a ficar constrangidos, menos o **EVANDRO**, que sempre “bancava” as medições. O **FANINI** tinha prometido para o **EVANDRO** que ele assumiria o cargo de diretor da engenharia da **FUNDEPAR**, quando ele fosse o Presidente. Em relação aos outros engenheiros o **FANINI** dizia que quem estava ajudando seria recompensado em termos de cargos, mas não deu detalhes. O **FANINI** dizia que o que a gente precisasse da engenharia era para falar direto com o **EVANDRO**. O **FANINI** comentou comigo também que o **EVANDRO** também tinha uns esquemas com umas obras menores e o **FANINI** fazia vista grossa.

Que entre os meses de abril e setembro de 2014, eu repassei o grosso dos valores desviados diretamente para o **FANINI**. O **FANINI** acompanhava as medições e os respectivos pagamentos e então pedia valores variados, conforme as medições. Ele disse que, conforme acertado com o Governador, parte destes valores ficariam com ele (**FANINI**) e parte iriam para campanha. Certa vez, perguntei se o dinheiro estava realmente sendo encaminhado para o Governador, tendo **FANINI** dito que sim, sendo que ele (**FANINI**) disse que entregava parte do dinheiro para **EZEQUIAS MOREIRA DA SILVA**, parte do dinheiro para o **RICARDO RACHED**, e parte para **LUIS ABI ANTOUM**, os quais dariam os encaminhamentos devidos. O **FANINI** comentou que os três principais arrecadadores de “caixa dois” para a campanha do **BETO RICHA** em 2014 eram o **EZEQUIAS**, o **LUIS ABI** e o **DEONILSON ROLDO** (o **EDUARDO SCIARRA** era o responsável pelo “caixa um”), mas daqueles três o **FANINI** só teria repassado valores aos dois primeiros (**EZEQUIAS** e **LUIS ABI**). O **RICARDO RACHED** era um dos caminhos para o dinheiro chegar até o **LUIS ABI ANTOUM**. O **FANINI** comentou que o **RACHED** trabalhava no Palácio Iguazu, salvo engano no terceiro andar. Acredita ter entregue para **FANINI** cerca de R\$ 12.000.000,00. Não lembra exatamente as datas e os valores entregues para **FANINI**. Segundo o relato de **FANINI** este sistema de encaminhamento de dinheiro teria sido determinado pelo próprio Governador. Eu tinha uma mala que ficava na sede da **VALOR** que eu usava basicamente para fazer a entrega do dinheiro. Assim que o pagamento pelas medições entrava na conta da **VALOR** eu mandava minha funcionária **VANESSA**, que figurava como sócia-gerente da empresa, entrar em contato com o banco para reservar parte da quantia em dinheiro que havia sido depositada para poder sacar em seguida, conforme solicitado pelo **FANINI**. Muitas vezes eu ia com ela até a agência do Banco do Brasil, na Rua Rockefeller, em Curitiba/PR, geralmente um ou dois dias após o depósito. Ela entrava para pegar o dinheiro com aquela mala que eu falei antes,

enquanto eu ficava esperando dentro do carro, no estacionamento. Ela me entregava o dinheiro e eu saía de lá e ia fazer o repasse para o **FANINI**. A gente pedia para que viessem em notas altas, para fazer menos volume. Em regra as entregas ao **FANINI** ocorriam na sala dele no prédio da SUDE, na Rua dos Funcionários. Quando eu chegava lá o pessoal do estacionamento já me conhecia e tirava uns cones para eu poder parar o carro num lugar reservado. Eu subia pro andar da sala do **FANINI** e combinava com ele de entrar por uma porta lateral que dá acesso à sala dele e que normalmente ficava fechada. Eu entrava por ali para não ter que ficar passando na frente da secretária dele com a mala de dinheiro. Ele liberava essa porta lateral e eu entrava. Assim que eu entrava ele dizia “banheiro” e eu ia direto pro banheiro que ficava nos fundos da sala, no lado esquerdo de quem entra. Ao lado do vaso sanitário o **FANINI** deixava uma mochila que parecia de couro. Eu tirava o dinheiro da minha mala e colocava na mochila. Eu saía do banheiro, a gente conversava um pouco e logo depois saíamos. Geralmente a gente combinava de fazer isso próximo do horário do almoço. Se ele tivesse que ficar ali na SUDE por mais tempo ele pegava a mochila e colocava num armário dentro da sala dele. Como era muito volume de dinheiro a gente começou a ficar preocupado em continuar com essa sistemática. Então, decidimos fazer a entrega do dinheiro através da utilização de caixas de vinho. Eu pegava, por exemplo, uma caixa com doze garrafas, deixava apenas duas e preenchia o restante da caixa com dinheiro. Eu deixava duas garrafas para que fizessem barulho quando alguém as pegasse e não levantasse suspeitas. Eu fazia essa colocação do dinheiro na própria sede da **VALOR**. Teve uma oportunidade, no final de 2014, em que eu mandei a **TATIANE**, juntamente com meu filho **GUSTAVO**, ir buscar o dinheiro no banco, porque a **VANESSA** não poderia ir naquele momento. Quando ela voltou ela me entregou o dinheiro e viu quando eu, juntamente com o **GUSTAVO**, ficamos colocando dentro de uma caixa de vinho para fazer a entrega posterior. Fizemos a utilização desse esquema das caixas de vinho umas cinco ou seis vezes. A gente pegava as caixas e deixava na portaria do prédio do **FANINI**, na Rua Quintino Bocaiuva, perto da rápida que vai pro Bacacheri. Ele avisava o dia e o horário que era para deixar lá, por exemplo, na quinta-feira, entre 13h00 e 13h30min, pra caixa não ficar muito tempo na portaria. Daquela vez que o **GUSTAVO** me ajudou a colocar o dinheiro nas caixas de vinho ele também me acompanhou até o prédio do **FANINI** para deixar a caixa na portaria. Os saques do dinheiro para entrega ao **FANINI** eram feitos diretamente da conta da **VALOR**, através de cheques da **VALOR** inicialmente assinados pelo **ROGÉRIO** e depois pela **VANESSA**. O **ROGÉRIO** tinha deixado alguns cheques em branco assinados na época em que o **GETULIO** figurava no contrato social. Como o **GETULIO** tinha restrições, a gente não levou o contrato social ao banco, porque poderia ter reflexos na redução do limite da conta. Então, só foi levado o novo contrato social após a saída do **GETULIO** e a entrada da **VANESSA** e da **TATIANE**. O gerente do Banco do Brasil, agencia Rockefeller, era o **IVAN LUIZ SEBEN**, que nunca criou nenhuma dificuldade ou fez qualquer questionamento a respeito dos altos saques realizados. Quando a **VANESSA** ia até o banco ela estava trajando o uniforme da **VALOR**, dava pra ver que era uma funcionária.

Desde o primeiro contato que tive com o **FANINI**, em 2012, ele já falava que o esquema era recriar a **FUNDEPAR**, autarquia que ficaria encarregada de licitar e acompanhar todas as obras das escolas públicas estaduais. Ele vendeu esse “peixe” para o Governador e insistia na sua criação, para que pudesse ser nomeado Presidente. Em 2013, quando ele

me orientou a ganhar as obras para fazer o caixa da campanha do Governador à reeleição ele disse que, assim, ele teria mais força para que a **FUNDEPAR** fosse efetivamente recriada. O **FANINI** me contou que quando saiu o resultado da eleição teve uma festa da vitória. Nessa festa, em dado momento, o **EZEQUIAS MOREIRA** o abraçou e disse “parabéns, você será o novo presidente da **FUNDEPAR**”. Ele disse que alguns minutos depois encontrou o Governador e agradeceu, mas o **BETO RICHA** disse “quem nomeia sou eu”, desautorizando a informação dada pelo **EZEQUIAS**. Com a criação da **FUNDEPAR** o **FANINI** ficaria com poder muito maior para fazer as contratações e os pagamentos, e o esquema de desvio de dinheiro ficaria muito mais fácil. A ideia era que, através de novos contratos com a **FUNDEPAR**, seriam reunidos recursos que serviriam para finalizar as obras inacabadas que foram pagas durante a campanha. Ele dizia que era amigo pessoal do Governador **BETO RICHA**, com quem jogava tênis frequentemente e as famílias se frequentavam mutuamente. O **FANINI** comentou comigo que tinha conversado com o Governador e que a gente estava “bem”, por conta dos valores que estávamos arrecadando para a campanha dele. Algum tempo após a reeleição em primeiro turno do **BETO RICHA**, o comentário é que ele faria uma “viagem da vitória” e que o único que teria sido convidado para ir com ele teria sido o **FANINI**. Posteriormente, eu conversei com o **FANINI** e ele confirmou que iria viajar, em novembro 2014, com o Governador e as respectivas esposas para o Caribe e para Miami, nos Estados Unidos. Ele inclusive pediu US\$ 20.000,00 (vinte mil dólares) para mim, porque ia viajar. Eu comprei um total de US\$ 40.000,00 (quarenta mil dólares) de um doleiro chamado **RUI MANOEL CHEN KWAN**, com quem viajei uma vez para Moçambique, na África, e dei a metade para o **FANINI**. O **FANINI** me contou que durante a viagem comprou um rolex e deu de presente para o **BETO RICHA** (não disse o valor que pagou). Depois ele me mostrou fotos dessa viagem e de outras situações de lazer dele junto com o **BETO RICHA**. Eu estive no prédio dele quando ele me mostrou essas fotos. Não cheguei a subir no apartamento, ficamos numa sala próxima à recepção. Nesta mesma oportunidade ele relatou que uma vez o Governador foi até o apartamento dele, ocasião em que o **FANINI** disse ao Governador: 'este apartamento foi você que me deu”. Eu sabia que esse apartamento onde o **FANINI** mora estava financiado e ele me disse um dia que estava pensando em quitar a dívida. No começo de 2015 a **FUNDEPAR** foi realmente reativada e o **FANINI** foi nomeado seu Diretor Presidente. Esse cargo era muito cobiçado, pois teria autonomia total e um orçamento bilionário nas mãos, o que mostra que ele realmente repassou muito dinheiro para a campanha do Governador. Entretanto, a **FUNDEPAR** não chegou a funcionar efetivamente, pois logo em seguida estourou na imprensa o escândalo envolvendo a construção das escolas.

No meio da campanha eleitoral, cerca de trinta dias antes da eleição, o **FANINI** falou pra mim que seria bom nós termos alguém do TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO “com a gente”, querendo dizer que precisaríamos cooptar algum conselheiro. Então, eu dei a ideia de procurarmos o conselheiro **DURVAL AMARAL** e oferecer ajuda financeira para a campanha do filho dele, **JOSÉ TIAGO CAMARGO DO AMARAL (TIAGO AMARAL)**, ao cargo de Deputado Estadual. Eu sugeri o **DURVAL AMARAL** porque eu sabia que ele tinha uma boa relação com todo mundo e era ex-Deputado Estadual. As tratativas foram feitas entre, do meu lado, a **MARILANE FERMINO**, e do lado do conselheiro, a pessoa de “**CLAUDINHA**”, que é assessora na Casa Civil, mas que seria o “braço direito” do

**DURVAL** no governo, e que era conhecida da **MARI**. Marcamos de nos encontrar numa rua próximo à SEED, no bairro Água Verde. Durante a conversa, da qual participamos eu, a **MARI** e a “**CLAUDINHA**”, ficou combinado que seria feito um pagamento de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) para o “caixa dois” da campanha do **TIAGO AMARAL**. O dinheiro foi entregue pessoalmente por mim para a “**CLAUDINHA**” no comitê de campanha do agora Deputado Estadual **TIAGO AMARAL**, que ficava na Rua Vieira dos Santos, 365, próximo ao Museu Oscar Niemeyer. Eu entrei numa sala onde estava a “**CLAUDINHA**” e entreguei o dinheiro para ela. Ela levou o dinheiro “lá pra dentro” numa outra sala e em seguida retornou acompanhada do conselheiro **DURVAL AMARAL** que agradeceu e disse que estava a disposição para o que eu precisasse dele. Eu digo para ele que é fundamental manter o **FANINI** no cargo ou como presidente da **FUNDEPAR** caso fosse recriada, no que o conselheiro disse que iria trabalhar para que isso acontecesse. O conselheiro me levou até outra sala onde estava o filho dele candidato, o qual também me agradeceu pela colaboração financeira. Esses R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) foram sacados da conta da **VALOR**, na mesma sistemática dos repasses para o **FANINI**.

Com relação aos colégios Lysimaco, Wilian, Arcangelo, Jardim Paulista, Ribeirão Grande e Tancredo Neves, quando foram assinados os contratos o **FANINI** já tinha garantido que haveria aditivos para compensar os descontos oferecidos na proposta inicial. Ainda no período eleitoral o **FANINI** me orientou a efetuar os pedidos de aditivos, dizendo que tinha conversado com o **EZEQUIAS MOREIRA** e que ele teria dito que poderia fazer. Ele me disse, inclusive, que era para fazer o aditivo no valor máximo permitido, dizendo, também, o que deveria constar dos pedidos, com basicamente os mesmos motivos invocados para os vários aditivos realizados. Ele falou para eu pedir para a **VIVIANE** conversar com o **EVANDRO** e acertarem como seriam formalizados os pedidos, o que foi feito. Eu tratava do valor dos aditivos também com a **VIVIANE** de modo a evitar que ficasse uma proposta muito artificial. A expectativa que eu tinha com os aditivos era de que uma parte maior ficasse comigo, até para dar um andamento nas obras. De qualquer forma, eu sabia que uma parte ainda teria que ser repassada para os políticos. Eu fui até a SUDE e entreguei em mãos do **FANINI** os pedidos dos seis aditivos. Os aditivos ficaram ali na sala dele por uns trinta dias ainda e quando eu perguntei se não ia dar o encaminhamento ele falou que já tinha o aval “lá de cima”. Alguns dias depois ele me contou que tinha encaminhado direto para o Secretário Estadual de Fazenda, **LUIZ EDUARDO DA VEIGA SEBASTIANI** (**SEBASTIANI**). Passados mais alguns dias ele me chamou de novo e disse que estava complicado, porque o Estado estava sem recursos. Então ele disse que teriam que fazer via Assembleia, com os recursos que são devolvidos todos os anos para o Governo do Estado. Ele já estava com os aditivos de outras empresas que tinham acertado com ele também, a **TALENTO** e a **MI**. Ele falou que eu teria que conversar com o Deputado **PLAUTO MIRÓ**, que na época era o 1º Secretário da Assembleia Legislativa, para viabilizar o repasse. Eu estava autorizado a falar em nome dos aditivos das três empresas. Na conversa com o Deputado **PLAUTO** eu falei que estávamos com aditivos no valor de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais) e perguntei quanto que ele iria cobrar para arrumar o recurso via Assembleia. Ele virou para mim e disse “10% (dez por cento)”. Eu questionei que era muito, mas ele disse que não dava, porque iria dividir essa quantia com o Deputado **VALDIR ROSSONI**, que na época ainda era o Presidente da Assembleia Legislativa, e era quem teria que assinar o cheque. Eu voltei a falar com o **FANINI** e contei para ele que tinha acertado pela **VALOR** em 10% (dez por cento) e ele teria que

ver com as outras empresas. O **FANINI** fez um monte de contas lá, de quanto que ficaria para ele, e disse que a pedida do Deputado **PLAUTO** estava muito alta. Ele falou para eu voltar lá e ver se não conseguia reduzir para 5% (cinco por cento). Eu voltei a falar com o Deputado **PLAUTO** e repassei essa proposta, no que ele disse então que era para esquecer o das outras empresas e iria tocar só os aditivos da **VALOR**, já que eu tinha concordado com os 10% (dez por cento). Não havia previsão orçamentária para esses aditivos serem pagos em 2014, então foi necessário fazer umas tratativas com a SEED. O Deputado **PLAUTO** me apresentou uma assessora dele chamada **MARISA**, salvo engano, a qual iria fazer uma “triangulação” com a **MARILANE FERMINO (MARI)** da SEED. A **MARI**, então, gestionou o cancelamento da previsão orçamentária de outras obras da SEED que não tinham faturado todo o previsto para aquele ano. Assim, foram canceladas previsões orçamentárias no montante de cerca de R\$ 6.000.000,00 (seis milhões de reais), que era o que seria necessário para os aditivos da **VALOR**. A **MARI** me ligou contando o que teria que ser feito, inclusive mencionou que isso afetaria novas obras que ocorreriam em Ponta Grossa e que seriam licitadas pelo **FANINI**. Os 10% (dez por cento) do valor dos aditivos dariam aproximadamente R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais). O Deputado **PLAUTO**, junto com a **MARI**, negociou diretamente com o **SEBASTIANI** para liberação desses recursos. A **MARI** ficou encarregada de agilizar a aprovação dos aditivos, inclusive em relação ao trâmite na Casa Civil, e quando aparecia algum entrave ela acionava o Deputado **PLAUTO**. O **FANINI** tinha me contado que em certa ocasião teria comentado com o Governador **BETO RICHA**, durante uma partida de tênis, que havia algumas empresas, dentre elas a **VALOR**, que estariam “ajudando” e que seriam necessários alguns aditivos nos contratos dessas empresas. Ele disse que o **BETO RICHA** perguntou “são de confiança, né?”, no que ele respondeu que sim. Então, o Governador deu o ok. Depois de aprovados os aditivos o **FANINI** me avisou e disse que era para mandar as medições e ir lá assinar. Pelo que me recordo ele colocou uma diferença de um ou dois dias entre a data do aditivo e a das medições para não ficar muito na cara. Passados alguns dias o Deputado **PLAUTO** me ligou dizendo que estava na sala do **SEBASTIANI** e que já tinha acertado tudo, e que naqueles dias já entraria o dinheiro. Isso já era final de dezembro de 2014. Depois que os valores dos aditivos foram liberados, no dia 23 de dezembro eu saquei R\$ 550.000,00 (quinhentos e cinquenta mil reais), dos quais entreguei R\$ 500.000,00 (quinhentos mil) para o **FANINI** (caixas de vinho na casa dele). No dia seguinte, eu paguei ao Deputado **PLAUTO MIRÓ** a primeira parcela da quantia por ele exigida, no valor de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais). Esse primeiro pagamento foi feito na Assembleia, na sala da tal **MARISA**. Ela me recebeu, mas saiu depois que o Deputado entrou, então não presenciou a entrega do dinheiro, o qual estava numa sacola normal. Eu não paguei os R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais) de uma vez, porque ficou faltando receber uma parte dos aditivos, o que só ocorreu no dia 30 de dezembro. Eu paguei os R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais) restantes em meados de janeiro de 2015. Ele me ligou e falou para nos encontrarmos na padaria Saint Germain, da Av. Visconde de Guarapuava, bairro Batel. Eu parei na porta, ele viu meu carro e entrou. Eu fiz a volta, ele já pegou a sacola com o dinheiro que estava dentro do carro e pediu para eu deixá-lo próximo a um prédio algumas quadras dali. Ele desceu e eu fui embora. No meu celular (marca Apple, modelo Iphone 6, apreendido e mencionado no laudo nº 47025/2015, do Instituto de Criminalística do Paraná, linha nº 41-XXXXXXX), tinham registradas conversas de *whatsapp* que tive com o Deputado **PLAUTO MIRÓ** sobre esse assunto. Eu mesmo apaguei essas conversas, mas talvez a perícia consiga recuperá-las. Em uma oportunidade eu conversei com o Deputado **TRAIANO** sobre o pagamento dos aditivos e ele me contou que o Governador **BETO RICHA** perguntou se ele tinha levado dinheiro nessa situação. O Deputado **TRAIANO** falou “eu não, quem levou dinheiro foi o **PLAUTO** e o **ROSSONI**”.

O **FANINI** me contou que participou de uma reunião na casa do Governador **BETO RICHA**, uns quarenta e cinco dias antes da eleição, com a presença do Deputado Estadual **ADEMAR TRAIANO**, na qual ficou acertado pelos presentes que também ajudariam com parte dos recursos desviados da SEED na campanha do Deputado **TRAIANO** à reeleição. **FANINI**, então, me disse que a empresa **TALENTO** tinha ajudado com R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) e que eu precisaria ajudar também, o que foi feito. Combinamos de entregar R\$ 100.000,00 (cem mil reais). Eu fui até a sala da liderança do governo na Assembleia com a minha mala de dinheiro. Eu conheci o Deputado **TRAIANO** nessa ocasião e falando sobre o **FANINI** o **TRAIANO** disse “o **BETO** tem um homem de confiança em cada setor do governo. O homem dele na educação é o **FANINI**. É o cara da casa do Governador, da cozinha do Governador”. Quando eu abri a mala para tirar os R\$ 100.000,00 (cem mil reais) e o Deputado **TRAIANO** viu que tinha mais, ele disse “não pode me dar mais?”. Eu falei que aquele dinheiro já estava comprometido para a campanha. Passada a eleição, acho que no mês de dezembro de 2014, o Deputado **TRAIANO** me chamou para conversar e nos encontramos num café em frente a Fast Shop, no shopping Pátio Batel. Lá ele disse que sabia que eu era “o caixa”, que estava com uma dívida de campanha e que seria o novo Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (em substituição ao Deputado **VALDIR ROSSONI**, eleito para o cargo de Deputado Federal), e disse que eu teria que dar para ele a quantia de R\$ 100.000,00 (cem mil reais). Eu entreguei o dinheiro para ele lá no gabinete da liderança (ele ainda era o líder do governo) alguns dias depois. Em fevereiro de 2015, uns dez dias depois dele tomar posse como Presidente da Assembleia, ele me chamou no gabinete da Presidência e disse que o filho dele tinha uma empresa que trabalhava com coleta de lixo, ou coisa do tipo, e que estava com um problema de caixa. Então me pediu mais R\$ 100.000,00 (cem mil reais), e eu dei de novo, alguns dias depois, lá numa sala ao lado do gabinete da Presidência. Por volta do mês de março de 2015 os pagamentos da **VALOR** estavam atrasados e eu fui falar com ele sobre isso. Fizemos uma reunião nessa mesma sala ao lado do gabinete, em que a **MARILANE** e o Deputado **PLAUTO** também participaram. Os Deputados chamaram a **MARI** para ela explicar o que estava acontecendo. Depois que os pagamentos foram liberados, eu levei mais R\$ 100.000,00 (cem mil reais) para o Deputado **TRAIANO**, na casa dele, que fica na esquina da Rua Euclides da Cunha com a Alameda Julia da Costa. Dessa vez eu adotei o sistema de levar o dinheiro em caixas de vinho. Eu subi no apartamento, onde o filho do Deputado também estava presente. Ele comentou comigo que tinha feito um empréstimo junto ao Secretário **CASAGRANDE** no valor de R\$ 3 milhões de reais e que tinha que pagar uma prestação de R\$ 60 mil reais por mês e que utilizaria aquele valor para essa finalidade também. Eu tenho a impressão de uma conversa no *whatsapp* com o Deputado **TRAIANO** em que falamos sobre esse dia em que eu fui lá levar o dinheiro. No meu celular (linha nº 41-XXXXXXX), tinham registradas outras conversas de *whatsapp* que tive com o Deputado **TRAIANO** marcando encontros, e coisas assim, mas acho que foram apagadas.

Eu conheço o **JULIANO BORGHETTI** desde a primeira campanha do **CÁSSIO TANIGUCHI** à Prefeitura de Curitiba. Nós dois trabalhamos na campanha. A partir de então ficamos amigos. Em determinada data ele me procurou e disse que, apesar de ser irmão da Vice-Governadora do Estado, **CIDA BORGHETTI**, estava impossibilitado de

assumir cargos públicos no Governo, por estar com sua imagem desgastada em razão de uma briga de torcidas em que tinha se envolvido na cidade de Joinville/SC, fatos que tiveram repercussão nacional. Disse que, entretanto, foi-lhe dado o direito à nomeação de um cargo na Vice-Governadoria, com salário de aproximadamente R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) e me propôs “a venda” dessa nomeação. Disse que eu poderia colocar meu filho **GUSTAVO** no cargo e eu pagaria ao **JULIANO** uma quantia “por fora”, não fechando valor. Paralelamente a isso a **MARI** tinha comentado comigo que o **EDMUNDO** estava querendo tirá-la da SEED e pediu que eu conversasse com o **FANINI** para conseguir uma função comissionada para ela. Além disso, eu sabia que a Secretaria Estadual de Meio Ambiente era da “cota” da família **BARROS** (a Vice-Governadora é casada com o Deputado Federal e atual Ministro da Saúde, **RICARDO BARROS**). Eu tinha a informação de que as licitações da SEMA, que eram realizadas pelo **PEPE RICHA**, na Secretaria de Infraestrutura e Logística, passariam a ser feitas pela própria SEMA. Então, eu uni todas essas coisas e propus ao **JULIANO** que eu indicaria a **MARI** para aquele cargo da Vice-Governadoria, para que ela, na sequência, fosse levada para a SEMA, para que ficasse como presidente da futura comissão de licitação daquela Secretaria. Como eu já estava acertado com o **FANINI** na **FUNDEPAR**, eu teria a possibilidade de ampliar meus negócios no governo, entrando em outra secretaria. A **MARI** vivia me pedindo dinheiro, então teria um acréscimo salarial o que poderia me aliviar um pouco também. O **JULIANO** foi falar com o **RICARDO BARROS** e marcamos uma reunião na Vice-Governadoria com ele. Nessa reunião o **RICARDO BARROS** disse que concordaria com a proposta, mas era para pagar R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) mensais para o **JULIANO** (eu tinha oferecido R\$ 10 mil). Ele disse que colocaria a **MARI** na SEMA e que, em relação aos contratos que eu ganhasse lá, a gente acertava na época da campanha. Ele disse que não gostava de receber valores ao longo da execução das obras. Batemos o martelo e a **MARI** foi nomeada no cargo da Vice-Governadoria. Ela comentou comigo que o **RICARDO BARROS** a levou pessoalmente até a SEMA e a apresentou pro Secretário. Como essa mudança da licitação ainda não tinha ocorrido, ela ficou na Vice-Governadoria. Depois de um tempo ela me pediu para mudar para a **FUNDEPAR**, enquanto a situação da SEMA não se resolvia. Mas como a **FUNDEPAR** também não estava em funcionamento, continuou na Vice-Governadoria. Isso foi bem no começo do ano de 2015 e eu paguei para o **JULIANO** os R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) por três meses. Ele ia buscar o dinheiro comigo lá na **VALOR**. Aconteceu que o Governador acabou retirando alguns cargos da Vice-Governadoria, e um dos cargos foi exatamente o da **MARI**. Eu conversei com o **JULIANO** e disse que suspenderia os pagamentos até que essa situação fosse resolvida. Logo em seguida começaram os problemas das obras da SEED e não retomei os pagamentos para ele. Ao todo conversei umas três ou quatro vezes com o **RICARDO BARROS**. Contei para ele o problema que estava tendo entre o **FANINI** e o **SUNYE** e pedi que ele fosse conversar com o **SCIARRA** para tentar ajudar. Depois ele me contou que teve a conversa e que “os caras” queriam nomear o **SUNYE** para a presidência da **FUNDEPAR**. Fomos falar com o **FANINI**, em seguida, na SUDE, ocasião em que o **RICARDO BARROS** sugeriu a ele que abrisse mão da parte da merenda e ficasse apenas com as obras de engenharia da **FUNDEPAR**.

Em janeiro de 2015 o **FANINI** me chamou na SUDE e me mostrou o decreto em que ele tinha sido nomeado presidente da **FUNDEPAR**. Nessa mesma ocasião ele disse “tive uma reunião com o Governador e a gente vai ter que dar R\$ 100 mil reais por mês para ele, porque o **BETO** vai ser candidato a senador, o **PEPE RICHA** (irmão do Governador) vai ser candidato a Deputado Federal e o **MARCELO RICHA** (filho do Governador) a



Deputado Estadual”. Eu cumpri, repassando os 100 mil reais todos os meses, a partir de janeiro de 2015, até o mês anterior ao da exoneração do **FANINI**, quando ele deixou o governo. O **FANINI** me contou que, após ser nomeado presidente da **FUNDEPAR**, ele tomou a sala do **JAIME SUNYE**, que era o Superintendente da SUDE. Ele disse que ofereceu um cargo para o **SUNYE** no Paraná Educação. O **SUNYE** permanecia com o cargo de Superintendente até que a **FUNDEPAR** fosse efetivamente instalada. Então ele começou a trabalhar para que isso demorasse a acontecer. Ele contou também que na posse do novo Secretário de Educação, **FERNANDO XAVIER**, ele se apresentou como o presidente da **FUNDEPAR**, no que o **XAVIER** desdenhou dele. Ele dizia que o **XAVIER** não tinha gostado da criação da **FUNDEPAR**, pois perderia poder dentro do governo. O **XAVIER** e o **SUNYE** se aproximaram e buscaram apoio no então Chefe da Casa Civil, o Deputado Federal **EDUARDO SCIARRA**, para que **SUNYE** assumisse a presidência da **FUNDEPAR**. Ainda segundo o relato de **FANINI**, o **XAVIER** e o **SCIARRA** foram pedir sua cabeça ao governador. Ele contou que o governador comentou isso com ele pessoalmente e disse que não iria fazer isso. Nós então começamos uma campanha para demitir o **SUNYE**. O **FANINI** chegou a comentar comigo que iria tirar R\$ 100 mil reais das contas dele para dar para o **TRAIANO**, caso ele tirasse o **SUNYE** “até segunda feira”. Em dezembro de 2014 já tinha surgido aquele problema dos atestados falsos dos Colégios Amancio Moro e Campo Distrital de Joá. O **SUNYE**, num primeiro momento, tinha feito a proposta de resolver internamente, para não dar repercussão ao fato. Entretanto, a presidente da comissão de licitação, **LUCY ERZINGER**, não ficou satisfeita com essa situação e foi atrás do **EDMUNDO RODRIGUES DA VEIGA NETO**, diretor da SUDE, exigindo providências. Eu soube que foi determinada a realização de um confronto entre os sistemas do SIMEC e o banco de obras do governo do Estado. Quando o **FANINI** soube disso ele me contou e pediu para eu ir falar com o **TRAIANO**, que já era o presidente da Assembleia. Ele tinha ouvido falar que o **SUNYE** iria falar com o **DEONILSON ROLDO (DEO)** para que o levantamento fosse adiante. Ele viu ali uma oportunidade para desgastar o **FANINI** e começou a explorar essa situação. Eu falei pro **TRAIANO** que se esse confronto acontecesse ia dar um problema gigantesco. O **TRAIANO** ainda não tinha noção do tamanho da discrepância entre os pagamentos e a execução das obras. Ele foi até o **DEONILSON ROLDO** e pediu para ele bloquear a realização desse levantamento. Ele disse que ia resolver mas a coisa foi adiante. Depois disso o **TRAIANO** me contou que tinha acabado de participar de uma reunião no Palácio com o Governador **BETO RICHA**, na qual estavam presentes também o **DEONILSON ROLDO**, o **EZEQUIAS MOREIRA** e o **EDUARDO SCIARRA**. Foi questionado qual o montante total dos repasses advindos das obras. O **TRAIANO** disse que o **BETO RICHA** falou que tinha recebido apenas 300 mil do **FANINI**. Os demais não se manifestaram. Quando o **TRAIANO** me contou isso, o **FANINI** estava presente e ficou transtornado com a história, tendo dito “o **EZEQUIAS** não me defendeu? Só pra ele eu dei 3,5 milhões”. O **TRAIANO** disse que não. Essa conversa ocorreu no gabinete da presidência da Assembleia. Dias depois um assessor do **TRAIANO** me ligou de um telefone diferente e falou que o **TRAIANO** estava me chamando de novo na Assembleia para conversar. Eu fui lá, nós entramos numa sala diferente onde eu nunca tinha estado antes, e então ele disse “Eduardo, consegue tocar até quantas obras?”. Eu falei que mais uns 15 dias ia ter que mandar todo mundo embora, porque estava sem dinheiro. Daí ele falou “vá procurar o **AGENOR** da Construtora **CIMA**. Esqueça o passado. Daqui pra frente vamos tocar pra terminar esse negócio”. Eu fui até a sede da construtora, na av. Silva Jardim, onde o **AGENOR** me contou que conversou com o Governador e com o **TRAIANO** e se comprometeu a me ajudar a terminar as obras. Ele disse apenas “vou ajudar o **BETO**”. Ele disse que o **DEO** falou para ele que o material viria de algumas obras de algumas construtoras e o dinheiro de outra fonte. Ele só iria gerenciar, não iria colocar dinheiro dele. Depois o **TRAIANO** me contou que o **AGENOR** era da confiança do Governador,

sem dar detalhes. Ele só disse que ajudaria apenas se o caso não fosse para a imprensa. Ele perguntou, também, se eu tinha feito doação oficial para a campanha, o que seria um problema. Fizemos umas 4 ou 5 reuniões com ele, de caráter técnico, com a parte de engenharia da **VALOR** e da **CIMA**, para programar a execução das obras. Da parte da **VALOR** participou a **VIVIANE** e eu. No meu celular tem conversas de *whatsapp* com o **AGENOR** sobre esse assunto. O telefone do **AGENOR** era o (41) 98857-9051. Algum tempo depois, o **FANINI** comentou comigo que o jornalista **CELSO NASCIMENTO** estava ligando na Casa Civil pedindo informações sobre as obras nas escolas e que estava preparando uma matéria sobre o assunto. O **FANINI** comentou “tomara que eles consigam comprar o **CELSO**”. Todavia, dez dias depois o **FANINI** e o **SUNYE** foram chamados na diretoria da Casa Civil e foram comunicados que estavam sendo exonerados dos respectivos cargos. Dois ou três dias depois saiu a matéria na Gazeta do Povo. A partir daí o plano de executar as obras não foi mais pra frente. Eu fui conversei com o **FANINI** umas quatro ou cinco vezes após a exoneração dele, e o que ele falava era que deveria ser assinado um TAC entre o Tribunal de Contas e a Secretaria. Quem estava operando para a realização do TAC era principalmente o Deputado **PLAUTO**, junto com o **TRAIANO**. A ideia era conseguir um tempo para terminar as obras. Numa dessas conversas o **FANINI** me contou que conversou com o Governador e que ele tinha avisado que teria uma operação de busca e apreensão e era para ele limpar as coisas dele, tudo que se relacionasse a dinheiro, que o ligasse ao Governador. O **FANINI** falou para eu fazer a mesma coisa e então eu fiz uma limpa na **VALOR**. Eu tinha anotações sobre os repasses feitos e me livre de tudo. As planilhas com anotações de pagamentos eu também joguei fora. O celular que eu tinha dado para o **EDUARDO PAIM** eu já tinha pegado de volta em 2014 e entreguei para a **VANESSA**, juntamente com o que ficava comigo. Não sei o que ela fez com eles. Eram uns aparelhos bem baratinhos. No meu celular pessoal eu apaguei algumas conversas, mas deixei outras. Falei para a **VANESSA** fazer uma limpa nos computadores e no escritório em geral. Quando a imprensa esteve lá no escritório, as funcionárias ficaram apavoradas. A **URSULA** veio falar comigo e então eu expliquei para ela que tinha feito repasses para políticos. Não cheguei a falar em valores, mas citei os nomes dos envolvidos. Teve um dia que eu fui na casa da **MARILSE** e ela me contou que o **FANINI** tinha estado na casa dela, tomou uma garrafa de vinho, chorou, e falou que já estava sabendo que seria preso e ficaria numa prisão especial da polícia militar. Quando ela me contou eu percebi que também seria preso, o que veio a acontecer poucos dias depois. No dia em que foi deflagrada a operação pelo **NURCE** eles me encontraram na minha casa, onde foram feitas buscas e cumprido o mandado de prisão temporária contra mim. Nessa ocasião foram apreendidos três celulares meus, sendo um Iphone de uma versão anterior que eu usava pouco (acho que era um antigo da minha companheira **PATRICIA**). Um aparelho Samsung, que era meu telefone de Moçambique e o meu aparelho principal, que era um Iphone 6, e tinha o número (41) 9953-3333. Esse telefone estava no nome da **TATIANE**. Eu forneci a senha ao policial que me solicitou. Ele acessou imediatamente o celular, tendo, inclusive, na Delegacia comentado comigo sobre o conteúdo de algumas mensagens. A senha desse celular era 2552 ou 2553 (eu mudei uma vez, não tenho certeza qual que ficou, mas é uma dessas). Eu fiquei preso dez dias, na segunda-feira seguinte eu fui direto no gabinete do **TRAIANO**. Durante a conversa ele me perguntou “quais mensagens nossas tinha lá no seu celular?”, e eu expliquei que tinha deixado uma conversa em que ele falava que estava com o **EDMUNDO** e tratávamos sobre o pagamento das notas federais. Ele disse que já estava sob controle e me orientou a ir até a SEED para assinar os aditivos de prazo que já estariam prontos, para viabilizar o TAC. Eu disse que não poderia ir em virtude da **VANESSA** e a **TATIANE** terem revogado todas as procurações que eu tinha pela **VALOR**. Eu só fui ouvido depois que fui preso, e desde o início já admiti que eu era o verdadeiro dono da empresa. A juíza aplicou uma medida cautelar que me impedia de ter qualquer

contato com o **FANINI** e com as demais pessoas que foram alvo da operação, sob pena de ser decretada novamente minha prisão. Eu cumpri essa determinação integralmente. Cerca de um mês depois que eu saí da prisão eu recebi uma notificação do Procurador-Geral do Estado, **PAULO SÉRGIO ROSSO**, para comparecer na PGE. Na reunião ele me disse que era para eu apresentar uma proposta de acordo para devolução de valores. Ele disse que estava fazendo o levantamento sobre o total dos valores desviados. Foram feitas duas ou três reuniões. Em determinado momento, orientado por meu advogado, eu propus que uma saída seria eu contratar uma outra construtora para terminar as obras, sob minha responsabilidade (pessoa física). O **PAULO ROSSO** concordou. Para eles o que interessava naquele momento era formalizar um acordo. A forma como o acordo seria cumprido ficaria para um segundo momento. Durante essas conversas eu sempre estava em contato com o **TRAIANO** e ele me garantiu que eles (o Governo) iam providenciar os recursos para pagar a contratação da empresa, já que eu não tinha condições. Essa conversa do TAC passou pelo Ministério Público do Estado do Paraná também. O **PAULO ROSSO** me falou que tinha conversado com o Procurador-Geral de Justiça, **GILBERTO GIACOIA**, que teria sinalizado pela possibilidade de realização do TAC. Algum tempo depois ele (**PAULO ROSSO**) disse que tinham umas procuradoras “chatas” que não estariam concordando, mas que não teria problema, que ele faria “de cima para baixo”, direto com o Procurador-Geral de Justiça. O **ROSSO** falou para mim que se o TAC fosse assinado o criminal ficaria insignificante. Nem eu, nem meu advogado, tivemos qualquer contato com o PGJ ou com as procuradoras. O **ROSSO** dizia que o TAC ainda não tinha sido feito porque eles ainda não tinham concluído o levantamento para totalização dos valores desviados. Foi o que ele me disse. Ao longo do segundo semestre de 2015, depois da minha prisão, quem ficou responsável por “resolver” o problema para o Governo foi o Deputado **TRAIANO**. Conversei com ele diversas vezes nesse período, cerca de uma vez por mês, e ele sempre me perguntava “já resolveu com o **ROSSO**?”. Após a minha primeira prisão, não houve mais contatos telefônicos com ele, só pessoalmente. Nesse segundo semestre eu continuei mantendo contato com a **MARI**. Numa ocasião ela me contou que conversou com o Delegado-Geral **JULIO REIS**, que é amigo dela, e disse que estava preocupada mas se acalmou quando ele riu e disse que estava tudo sob controle. A **MARI** me contou também que soube que a advogada da **VANESSA** e da **TATIANE** estaria “infernizando” lá no **NURCE**, mas não deu detalhes de como soube disso. Depois que eu fui preso pelo **GAECO** ninguém mais falou comigo. Durante o tempo da prisão, eu tive contato com dois ex-diretores da Assembleia, **JOSÉ ARY NASSIF** e **CLAUDIO MARQUES DA SILVA**, que foram presos no caso dos Diários Secretos. O **CLAUDIO** começou a conversar que estava pensando em fazer delação premiada e estava tentando convencer o **NASSIF** a fazer o mesmo. Alguns dias depois, já era umas 19h30min, chamaram os dois para sair, e todos pensaram que eles estavam sendo liberados. Cerca de dez dias depois eles voltaram com um aspecto deplorável e disseram que foram mandados para o Presídio de Piraquara, sem qualquer motivo, onde as condições são desumanas. Eu entendi que foi um recado para que desistissem da ideia de fazer a colaboração. Diante disso, como eu ainda estava preso, fiquei reticente em colaborar, como estou fazendo agora.

Eu conheci o Deputado **PLAUTO MIRÓ** desde a época do esquema de Bituruna/PR, quando eu comecei a frequentar bastante o prédio da Assembleia. Nesse período da campanha de 2014 a **VALOR** participou de uma licitação para construção da Escola Francisco Pires Machado, no bairro Cará-Cará, na cidade de Ponta Grossa/PR. Cerca de sessenta dias antes da licitação o **EDUARDO PAIM** comentou comigo que tinha falado sobre mim e sobre a **VALOR** com o Deputado **PLAUTO** e sugeriu que eu procurasse o

**PLAUTO** para conversar. Fui até o gabinete dele e na conversa ele me apresentou o chefe de gabinete dele (que cuidava daquela região para ele), e marcamos um dia para ir até aquela cidade conversar com o **JOÃO NEI MARÇAL JUNIOR**, que era o Secretário Municipal de Administração. Conversamos com ele, o chefe de gabinete do **PLAUTO** disse “viemos aqui acertar a obra do **PLAUTO** para a **VALOR**”. O combinado foi que eles afastariam os outros participantes e eu concorreria sozinho. Algum tempo depois o **JOÃO NEI** me contou que não teria conseguido afastar os outros concorrentes e que a solução seria eu dar dinheiro a cada um dos outros participantes para que deixassem de concorrer. Ele disse que já tinha conversado com os representantes das empresas e eles concordaram. Quando saiu o edital, os “interessados” retiraram o edital e então eu me encontrei com eles e acertei de dar cerca de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para que não participassem da concorrência. Eles faziam um rateio entre eles. Tinha um empreiteiro chamado **PEDRO** que meio que coordenou essa conversa. No dia da abertura da apresentação das propostas eu fui até lá e os outros empreiteiros também. Eles me cercaram e perguntaram se estava tudo certo. Eu disse que sim, e depois eu passei uma relação para a **VANESSA** com alguns nomes e valores de cheques que deveriam ser preenchidos e entregues para eles em garantia do pagamento. Alguns chegaram a apresentar os cheques, mas voltaram por falta de previsão de fundos. Outros seguraram os cheques que foram trocados por dinheiro entregue pela **VANESSA**. Esses pagamentos só ocorreram após eu começar a receber da Prefeitura de Ponta Grossa/PR. Eu participei sozinho da licitação e apresentei o preço cheio. Essa obra apareceu na campanha eleitoral do Deputado **PLAUTO** à reeleição. O acordo inicial era repassar 5% (cinco por cento) do valor do contrato para o Deputado **PLAUTO**. Como teve esse pagamento aos demais concorrentes, eu falei para o deputado que não daria mais para cumprir o combinado. Depois de um tempo ele me chamou e disse que tinha conversado com o **JOÃO NEI** para fazermos uma medição antecipada no valor de R\$ 1 milhão de reais. Como a fiscal municipal da obra era muito rígida, ajustaram do **FANINI**, junto com o **EVANDRO**, prepararem uma medição nesse valor e levar para a fiscal de Ponta Grossa/PR fazer igual e liberar. Quando ela recebeu essa medição em mãos, fez um escândalo, disse que não concordaria, tendo, inclusive, segurado a medição falsa e guardado para ela. A ideia do Deputado era que eu repassasse para ele a totalidade daquela medição, mas eu disse que teria que ficar com uma parte. Então ele disse que, depois que passasse a medição definiriam a parte de cada um. Ele disse que teria que repassar uma parte desses valores também ao Prefeito de Ponta Grossa/PR, o **MARCELO RANGEL**. O argumento que utilizaram para tentar convencer a fiscal é que tinha R\$ 1 milhão em caixa do convênio, e precisava limpar para vir a segunda parcela. Mesmo assim ela não concordou. O Deputado **PLAUTO MIRÓ GUIMARÃES FILHO (PLAUTO MIRÓ)** gravou programas eleitorais nessas obras, dizendo que foi o responsável por viabilizar os recursos junto ao Governo Estadual. A obra parou quando deu o problema com a **VALOR** (eu estava tocando normalmente até ser preso).

Em 2014 o **FANINI** me contou que tinha acertado o repasse da quantia de R\$ 300 mil reais do aditivo de uma obra de Almirante Tamandaré para o **FABIO DALAZEN**, que na época era assessor do Governador **BETO RICHA**. Ele estava bravo porque o combinado é que ele pegaria o dinheiro na empresa e repassaria para o **DALAZEN**, mas ele se atravessou e pegou direto na empresa. Não sei qual empresa era. Tempos depois conversando com a **MARI** ela comentou comigo que recebia com frequência ligações do **FABIO DALAZEN** referentes à liberação de recursos para uma empresa. Ela sabe dizer que empresa é essa. Ela comentou também que o aditivo de Almirante Tamandaré seria

absurdo, considerando os termos consignados. No começo de 2015 o **FABIO DALAZEN** foi nomeado diretor da **COPEL**.

O **FANINI** comentou comigo que um esquema semelhante ao meu na SEED ocorria também com as empresas **TALENTO, MI** e **MACHADO VALENTE**. Numa oportunidade ele comentou que teria que devolver R\$ 100 mil reais para o cara da **MI**, porque ele iria sair do esquema. Não sei se isso realmente aconteceu. Eu cheguei a ter um breve contato com os donos da **MI** e da **MACHADO VALENTE**, mas apenas superficial (fui apresentado a eles pelo **FANINI**). Nunca chegamos a falar sobre esse esquema de desvio de recursos públicos. A **MARI** confirmou que o **FANINI** ficava ligando para ela e fazendo pedidos em nome dessas empresas também. Ela comentou “o **FANINI** não pede muito por você”.

O **EDUARDO PAIM** também trabalhou na campanha do Governador **BETO RICHA** à reeleição. No começo da campanha ele me chamou para conversar e me disse pra eu entregar R\$ 30 mil reais para o Secretário de Saúde licenciado **MICHELE CAPUTO NETO**, que era um dos coordenadores da campanha. Eu fui até o comitê que fica no cruzamento da Rua Comendador Fontana com a Rua da Glória, e dei o dinheiro na mão dele. A **MARI** também trabalhou nessa campanha e em dado momento me pediu uma contribuição para o **SCIARRA**, mas eu disse que já tinha contribuído com o **CAPUTO** no começo da campanha.

Em relação ao pagamento feito ao **SERGIO GALANTE TOCCHIO**, o **EDUARDO PAIM** me ligou e disse que eu teria que pagar uma dívida de R\$ 50 mil reais que o Deputado **ROSSONI** tinha com ele. O **PAIM** não especificou a origem dessa dívida. Eu não conhecia o **SERGIO GALANTE TOCCHIO**, sabia que ele tinha sido Secretário Municipal do Meio Ambiente de Curitiba/PR. Eu nunca tive nenhum negócio com ele que justificasse o pagamento daquela quantia. Ele fez alguma coisa para o **ROSSONI** que ficou devendo aquele valor. O **PAIM** me passou os dados da conta do **SERGIO TOCCHIO** e eu fiz uma transferência da conta da **VALOR** para a conta dele. Posteriormente, em razão de negócios que eu pretendia montar em Moçambique eu entrei em contato com o **SERGIO TOCCHIO** e perguntei se ele faria um projeto sobre coleta seletiva de lixo para que eu pudesse levar pra lá. Foi apenas uma conversa breve, não houve orçamento e nem cheguei a encomendar o projeto e nada foi concretizado a esse respeito.

O **FANINI** e a **MARILSE**, secretária dele, comentaram comigo, em momentos distintos, que o **JAIME SUNYE** tinha um esquema na SEED referente à merenda escolar. Mencionaram a existência de um procedimento interno que apura irregularidades em algumas compras que ele teria autorizado. A **MARILSE** sabe mais detalhes sobre essa história. Em relação ao esquema da **VALOR** e demais empresas de construção, o **FANINI** dizia que o **SUNYE** era um “bobão”. Não posso dizer que o **SUNYE** tenha envolvimento consciente nesse esquema.

Eu não movimento conta bancária em meu nome pelo menos de o ano de 2010. Eu ainda tenho uma conta no Itau, mas está bloqueada. Eu movimentava várias contas bancárias em nome de terceiros. A conta da **VALOR** no Banco do Brasil eu movimentava pela internet com token, mesmo não figurando no quadro societário. A conta da **VALOR** no HSBC era movimentada antigamente pelo meu irmão **ROGÉRIO**, e posteriormente por mim, mas era pouco usada. Eu movimentava a conta do meu filho **GUSTAVO** no Bradesco (tinha o cartão, cheque, etc). Também a conta da **VANESSA** no HSBC. Eu transferi mais de R\$ 1 milhão para essa conta. Na conta da **PATRICIA** no Itau eu cheguei a transferir alguns valores para repasse aos políticos e pedi para ela sacar para mim. Eu fiz transferências também para a conta da **VANESSA** do Banco do Brasil, de onde foram feitos saques para repasse aos agentes públicos.

Os meus carros eu também não colocava no meu nome. Deixava em nome da **VALOR**. Quando eu soube que teria a operação eu me desfiz de dois carros, um Audi RS6 e um Porsche Carrera 911, por um total de aproximadamente R\$ 1 milhão de reais. Eu guardei esse dinheiro em casa por um tempo. No dia que foi cumprido o mandado de busca na minha casa eu deveria ter uns R\$ 800 mil reais lá, só que não foi achado. Eu coloquei dentro de um saco e escondi embaixo da jacuzi que fica na varanda. Eu tava usando esse dinheiro para tocar a **VALOR** (até ser preso), pagar advogado e despesas pessoais. Esse dinheiro deve ter durado somente até o final do ano. Em novembro de 2015 eu comprei dois carros no nome da **PATRÍCIA**, porque não tínhamos ficado com nenhum. Eu usei parte daquele dinheiro para pagar esses carros, mas a maior parte foi financiada.

O apartamento de Balneário Camboriu eu comprei em 2012 financiado, dei um sinal de R\$ 50 mil e estava pagando aos poucos. Em 2014 eu acelerei os pagamentos, mas não cheguei a quitar.

Depois que os fatos foram divulgados na imprensa eu pedi para a **VANESSA** fazer um levantamento sobre o total dos saques realizados em dinheiro nas contas que eu utilizava para eu ter uma ideia do total dos repasses feitos aos agentes públicos. Ela me apresentou o número de cerca de R\$ 14 milhões de reais. A quase totalidade dos valores sacados em dinheiro foram destinados aos agentes públicos, principalmente para o **FANINI**. Desses saques, tinha uma parte que eu utilizava para pagamento dos empreiteiros que eu contratava nas cidades onde tinha as obras. Eu também usava uma coisa ou outra para despesas variadas. Acho que em relação a essas despesas de o ter gastado algo em torno de R\$ 1 milhão de reais daqueles R\$ 14 milhões. Paralelamente a isso eu fiz uma conta sobre os valores que eu empreguei nesse período para aquisição de bens de meu uso e da minha família e cheguei em algo em torno de R\$ 3,8 milhões de reais, principalmente com a compra de carros e do apartamento em Balneário Camboriu. Para essas aquisições eu não utilizava saque em dinheiro.